

A CULTURA ESTARIA EM PERIGO?

Irmão Elvo Clemente

Discurso do paraninfo da turma de Letras de 1973.

Nesta hora de tanto entusiasmo, de beleza tanta, melhor fora o silêncio, melhor fora a meditação, melhor fora a prece. Em vez de ouvirdes os sons de meus lábios trêmulos de emoção e de sentimento, melhor seria juntar as mãos em agradecimento a Deus que tudo fez quanto há de bom e de belo em nós, em nossas vidas, em especial neste ato de culminância de uma carreira.

Eis-vos diplomados, eis-vos com o documento legal da profissão. Sois mestres, sois intérpretes, sois tradutores. Tradutores da língua da natureza, que deve ser transmitida e explicada aos demais. Intérpretes de quanto vivemos, de quanto recebemos ao longo da existência, intérpretes do mistério da vida que se nos desvenda passo a passo, minuto a minuto, no caminho que percorremos, na comunhão com os outros. Mestres a conduzir a infância e a juventude, a perscrutar os valores da cultura, da civilização e da fé, no caminho para Deus.

Eis-me diante de vós, meus caros afilhados, no esplendor desta hora, nas luzes de vossos mestres, no calor dos corações que amam e que vos amam. Para que a presença da sombra nas luminárias desta comemoração? Por que o som destes vocábulos, vindos de alguém que vos quer, que vos quer encarceirados no bem, na beleza e na verdade da existência? Sou uma voz trêmula nas maravilhas dos exemplos que contemplastes ao longo de vossa caminhada. O carinho e a compreensão dos pais, dos esposos e dos filhos vos confortaram nos momentos duros do palmilhar dos dias de estudo, de trabalho, de revisões, de longas e intermináveis pesquisas monográficas, longos monólogos no silêncio das madrugadas. Enquanto a cidade dorme os artífices da cultura vigiam e batem na bigorna do esforço para tirar a centelha que vai iluminar as auras de cada dia nas mentes da adolescência. Só os confidentes dessas serões compreendem o vosso mérito, somente eles fazem justiça ao lauro de vossa vitória; somente os anjos aplaudem e colorem as flores que vos enfeitam nesta hora.

Meus caros, neste brilho, nesta alegria, sinto o pulsar da saudade, sinto o amargor da lágrima que furtiva cai bem fundo nos corações da orfandade. São pessoas, entes caros que compartilham conosco de modo invisível as galas da noite e aplaudem no silêncio o diploma de vosso esforço. A eles estamos unidos na prece e no sentimento.

E, agora, permiti vos faça uma pergunta, não para distrair-vos do encantamento da noite deslumbrada. Mas para que volteis a vossa inteligência para dentro do mistério que vos envolve. Estaria a cultura em perigo?

Desde 1918 com o livro de Oswald Spengler, o Ocidente discute, põe em contestação os valores de sua cultura. A primeira Guerra Mundial rompeu o ritmo da vida cultural da humanidade. Houve a derrocada de valores; houve o estremecimento dos alicerces de algo que era considerado inabalável; houve o desaparecimento de um modo de viver, de sentir e de pensar as coisas. Isto significaria a morte da cultura?

A história registra cataclismos que derrubam formas e estruturas; que precipitam no abismo doutrinas sociais, políticas e religiosas.

Com o fim do Império Romano, tudo vacilou, tudo parecia desmoronar, tudo parecia estremecer nos gonzos da humanidade... E o que aconteceu?

Surgiu a grande cultura medieval, com a noite dos tempos, intervalo precioso em que os valores culturais da cristandade foram depositados nos corações da barbárie e de lá surgiram os grandes homens da história: Francisco, Tomás de Aquino, Bonifácio, Boaventura, Bacon, Copérnico, Galileu, Inácio de Loyola, Teresa de Ávila e tantos outros que transformaram a humanidade, que indicaram o caminho a tantas gerações...

Lançar o olhar em torno, parece que a família se descontrola, parece que a sociedade endoideceu, em sua maneira de viver, em seus modos de ser...

Parece que um vendaval está assoprando nos bosques seculares das congregações e das ordens religiosas, arrancando troncos robustos, derrubando gigantes da ciência teológica; a própria Igreja, assistida pela promessa divina de Cristo, parece soçobrar nas ondas ameaçadoras, irreverentes e impiedosas...

E torno a vos perguntar. Estaria a cultura em perigo? Detesto as imagens e as expressões trágicas. Vamos intuir e penetrar a realidade que está diante de nós, ao redor de nós e em cima de nós.

Vemos o Mestre dormir na frágil barca agitada pelas ondas e os discípulos assustados vão acordá-lo... E Ele desperta e interroga: Por que temeis, homens de pouca fé? E com o seu olhar divino ordenou ao vento e ao mar e tudo serenou...

Estaria, realmente, a cultura em perigo? A cultura é forçada a sair do espírito e de oração, voltada para os valores da pessoa. Louis Hautecoeur, inquieto sobre o conceito de cultura no colóquio com outros colegas, assim se exprime: A cultura não consiste em acumular imagens ou conhecimentos, senão enlaçá-los entre si, relacioná-los. Só uma operação

ativa, uma reflexão, pode conduzir à verdadeira cultura. O homem que renuncia ao esforço do pensamento torna-se incapaz de crítica, perde a sua personalidade, proíbe a si mesmo a ser verdadeiramente culto (**Esta en peligro la cultura?** Madrid, Ediciones Guadarrama, 1958).

A cultura se manifesta em primeiro lugar pela polidez da expressão, afirma Henri Ziegler. E continua: o falar de maneira clara e agradável é sinal de cultura, de respeito para consigo mesmo e para com os outros (idem pág. 348).

Cultura é aperfeiçoamento da pessoa, do eu de cada um na assimilação dos valores humanos e divinos, na vida da fé e carinho da transcendência, da vida que começa após a morte...

A medida de nossa vida e de nossa cultura é a fé "sub specie aeternitatis".

A cultura se traduz em civilização sempre que atingir o domínio da natureza a serviço do homem.

É a tecnologia bem conduzida, como serviço, não como dona do homem.

Se nos embates da existência permitirmos que a civilização, que a tecnologia domine os nossos atos, os nossos ideais, seremos transformados em robô. Pois o robô age sem saber por quê, o robô realiza coisas sem saber, sem poder criticar, julgar, valorizar.

A estandarização do homem e da pessoa, eis o perigo, eis a ameaça de nossos dias e de outros tempos. Apenas um rápido exemplo arcaico: quando nos idos do fim do século XVIII e início do século XIX trovejava a Revolução Francesa e surgia o fatal cometa napoleônico que transfigurava o mapa político da Europa e do mundo, muitas transformações aconteceram, muitas instituições foram deglutidas no bárbaro das lutas sangrentas e da guilhotina. Um homem, entre outros, não aderiu aos ideais revolucionários, não aceitara as bases progressistas de Napoleão, resistiu galhardamente na França e no exílio. Após os dias da paz de Viena, retorna, a sua experiência, a sua cultura re florescem na florada literária do Romantismo em livros de prosa e verso. Chateaubriand permanecera fiel à cultura.

E ressurgira dos escombros uma arte nova, uma linguagem renovada, em outras formas.

A cultura enfrenta as ameaças da técnica, da horizontabilidade, dos pluralismos, mas permanece fiel a si mesma no respeito à pessoa.

Num mundo sitiado de ruídos, pois, como diz Jean Wahl, há um bosque de ruídos e de imagens que rodela cada indivíduo na luta diária para subsistir, para sobreviver. É preciso no meio de todo esse trepidar manter-se fiel, é preciso dominar a técnica, servir-se dela, buscar em tudo a poesia, a beleza, o sentido do amor.

Uma vez respeitadas as energias do ser humano, o poder de crítica, o poder de assimilar, o poder da atenção sobre si mesmo, a tecnologia será dominada, estará a serviço da pessoa.

No torvelinho da vida atual, na civilização de gritos e ruídos, no tumultuar escachoeante das máquinas que desembestam pelas estradas e pelos ares, devemos socorrer os valores da pessoa, a sacralidade da cultura.

Estamos dentro de uma cultura em transformação, em metamorfose, sempre fiel, porém, aos princípios inabaláveis. Na palavra de Ilya Ehrenbourg, o progresso da cultura exige o desenvolvimento harmonioso de todas as faculdades de cada ser humano.

Devemos adaptar tudo ao nosso tempo, como diz Jean de Sais, fazer tudo conforme as exigências e a sensibilidade de nosso tempo com uma execução apropriada e adequada.

E André Chamson nos elucida sobre a finalidade da cultura: ensinar aos homens a viver melhor sua vida cotidiana, em relação com a natureza e em relação com os outros. O fundamental é não perder o sentido da arte da vida.

A cultura que não ensina a viver dentro dos valores e princípios da pessoa, deve desaparecer. Os perigos da cultura estão na tecnologia que se sobrepõe, e que transforma o homem em robô, em autômato.

Muitas são as tentativas de robotização em nossos dias — a televisão, o rádio, o cinema, as histórias em quadrinhos e até mesmo o jornal e o livro.

Para evitar este perigo e vencer as ameaças, é preciso formar o espírito crítico. A educação em nossas escolas deve insistir e exercitar o espírito crítico, o raciocínio, a argumentação nas crianças, adolescentes e jovens.

Se não educarmos a pessoa na arte da defesa de seus valores fundamentais preparamos os robôs do futuro num mundo trucidado pela tecnologia e arrasado pela loucura de seus sobreviventes.

O que fazer para evitar tamanha desgraça e desventura tanta?

Vós, meus caros afilhados, sois chamados para a nova cruzada redentora dos valores da pessoa, dos valores da cultura, do homem e caminho de Deus.

Como enfrentar a labor tão árduo?

Pelo estudo da literatura, pelo aprofundamento na cultura, pela meditação diuturna dos valores da pessoa.

Não podeis parar, a estrada é bela, é muito longa, apenas começastes a caminhar nela; ide às fontes a beber do manantial perene.

Continuai vossa formação; os seis semestres passaram depressa e reclamam a complementação, o esforço retomado, a cultura bem merece outros sacrifícios mais.

Novos cursos vos esperam, novas metas vos sorriem na especialização de vossos anelos.

Na busca constante da cultura, da pérola preciosa que se esconde nas dobras das páginas, no aconchego da reflexão da leitura meditada, deveis valorizar os vossos dias e vossos esforços.

E os vossos alunos, e as pessoas que buscam as traduções e as interpretações, encontrem em vós os modelos de pessoas que vivem no sacerdócio da cultura.

O estudo continuado, as aulas preparadas com seriedade, o estudo de novas línguas que vos abrirão as portas de novos campos da cultura.

Não é suficiente castigar a própria língua, dominar o idioma nacional; hoje a escola deve estar aberta para outras línguas, para outras culturas.

Não são necessárias, como dizia Giacomo Devoto, reformas de ensino, necessária se faz a reforma do espírito do mestre; amoldá-lo, abri-lo às exigências profundas da educação e da humanização da pessoa.

Em nossas aulas não é suficiente ensinar uma cultura, uma língua, a leitura, a escrita, é preciso dar figura humana a cada indivíduo.

A pessoa deve voltar ao primeiro lugar em nossos esforços. Em tudo haja o equilíbrio entre o instruir e o educar.

Prezados colegas, conseguireis a maravilha das maravilhas de formar os homens cultos de nossa época através do estudo dos textos de nossos escritores. Na leitura, na análise, na crítica dos textos tocaremos a vida cultural de nosso povo, a vida cultural da humanidade de nosso século e dos séculos que nos precederam.

Do convívio com os textos, na feliz expressão de Livia Ferreira, surgirá a nova humanidade cultivada, trabalhada para abrir os caminhos dos destinos do futuro.

Tudo isso não é fácil, mas é belo, mas é grandioso e bastante para dignificar vossas existências que se transformarão em fermento de cultura e de redenção.

Aprofunda e cavai no chão sáfaro das Ingratidões e das Incompreensões até o dia em que entre os sangrados dedos jorre a água que fertilizará tantas vidas sedentas de cultura, ávidas de amor e de ternura.

Professores de línguas e tradutores/Intérpretes, vossa missão é bela e vossas vidas como dizia o Profeta Daniel brilham com os astros do céu. Tudo isso, porém, acontecerá se viverdes a fé, se tiverdes os olhos voltados para Deus, para o mistério de amor do Natal que é Deus que entra em nossas vidas pelas mãos maravilhosas e inefáveis de Maria.

Ide, meus caros afilhados, na palavra do poeta PAULO CORRÊA LOPES:

LARGAI AS VELAS QUE O MAR É LARGO!
PARA LONGE, PARA O FIM DE TUDO!
LARGAI AS VELAS
E VEREIS COMO É MAIS BELA A VIDA
ENTRE RELÂMPAGOS E ABISMOS!
LARGAI AS VELAS QUE O MAR É LARGO
E EMBALA OS CORAÇÕES
QUE NÃO TREMEM DIANTE DO MISTÉRIO.

Muito obrigado.